



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

RAÍNE ROSA AMARAL DA SILVA

MEMÓRIA DAS ROSAS
(Memorial Analítico-Descritivo)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz Silva de Oliveira.

Vitória da Conquista
2024

RAÍNE ROSA AMARAL DA SILVA

MEMÓRIA DAS ROSAS
(Memorial Analítico-Descritivo)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz Silva de Oliveira.

Vitória da Conquista
2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825, de 04.07.2016
Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual - CCCA

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro, às dezesseis horas e trinta minutos, na Sala de Projeção Jorge Melquisedeque, no *campus* de Vitória da Conquista, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Memória das Rosas” (Média documental) de autoria da estudante **Raine Rosa Amaral da Silva**, para obtenção do título de Bacharela em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integraram a Banca os(as) Professores(as) Rogério Luiz Silva de Oliveira (Orientador, Área de Cinema e Audiovisual – DFCH), Milene de Cássia Silveira Gusmão (Examinadora Interna – Área de Cinema e Audiovisual – DFCH) e Silvaneide Dias da Silva (Examinadora Externa - Doutoranda PPGMLS). O orientador abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Banca Examinadora, em seguida convidou a estudante para que fizesse a exposição do trabalho. Finalizada a apresentação, cada membro da Banca Examinadora realizou a arguição da estudante. Dando continuidade aos trabalhos, o orientador solicitou a todos(as) que se retirassem da sala para que a Banca Examinadora pudesse deliberar sobre o trabalho apresentado. Terminada a deliberação, o orientador solicitou a presença de todos(as) e leu a ata dos trabalhos, declarando a referida estudante **APROVADA** com nota final 8,8 (oito vírgula oito). Em seguida, deu por encerrados os trabalhos, lavrando a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Rogério Luiz Silva de Oliveira
Presidente

Milene de Cássia Silveira Gusmão

Silvaneide Dias da Silva

AGRADECIMENTOS

Não posso começar esse memorial sem antes agradecer as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa produção, e também durante todo o curso de Cinema.

Primeiramente, gostaria de agradecer de todo o coração a minha família pelo apoio durante toda a graduação. Mesmo não concordando, ou entendendo, as minhas escolhas, sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me dando suporte para que eu conseguisse seguir da forma que eu acredito ser o melhor pra mim.

As minhas amigas e amigos, que sempre acreditam em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma não o faço. Vocês estão sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando, sempre se certificando que eu não ouça a minha ansiedade e, por isso, também por todos os anos de companheirismo, eu sou eternamente grata a vocês: Jack, Duda, Fravis, Kally, Charline, Mary, Di, Darie, Aline, Jazz, Mirna, Jacson, Well, Oto e Kid Mary.

Aos amigos que fiz graças ao curso de Cinema, apesar de não conhecer vocês há tanto tempo quanto os outros, vocês têm um lugar tão especial quanto no meu coração. Rebeca Reis, que infelizmente deixou o curso, mas foi como um anjo da guarda pra mim não só na universidade, mas principalmente fora dela. Lore, Jam, Bea, Jessi, Gabby, Alvinho, Edu, Bruno, Rods, Matheus, Rodrigo... Bem, para que eu não tenha outra crise de choro, vou apenas dizer: Muito obrigada!

Pâmela, você foi a primeira colega a falar comigo lá no início, hoje é uma das minhas melhores amigas. Sem você, esse filme não existiria. Foi você que acreditou nessa ideia primeiro, foi você que me incentivou a escrever e foi você que me deu o maior suporte durante toda produção. Esse trabalho também é seu.

Agradeço também a todos os professores do curso de Cinema, que conseguiram despertar minha curiosidade e imaginação, prendendo minha atenção em suas aulas mesmo antes do remédio para o TDAH.

Tenho que agradecer, principalmente, minha mãe, Jelcina, e minhas tias, Arminda, Menininha, Ana e Jesuita, que abraçaram a minha ideia de contar a história delas e se colocaram a disposição durante todo o processo.

A Produtora Retrato Filmes, em especial, Vinicius Pessoa, agradeço imensamente por acolherem essa história, enxergarem o potencial do filme e por todo suporte que me deram na produção.

Ao professor Rogério, por todo suporte e apoio durante todo esse processo. Por enxergar a beleza nessa ideia e acreditar no potencial dessa história. As orientações e recomendações foram essenciais para que esse filme ganhasse forma. Agradeço também pela paciência e cuidado nos momentos que deixei a ansiedade falar mais alto.

A minha pituquinha, Helena, que me inspira a sempre fazer melhor, para que ela se orgulhe e fale que eu sou a tia mais legal do mundo pra os seus coleguinhas de escola no futuro.

A Kim, minha gatita, que está *sempre* do meu lado, me dando apoio emocional. Especialmente, agradeço por não ter me acordado de madrugada nos últimos dias.

Um agradecimento especial para Hiamine, minha psicóloga, Dra. Neide Braga, neuropsicopedagoga da UESB e Dra. Bruna Avelar, minha psiquiatra, que me ajudaram a seguir no curso e cuidar da minha mente complicada.

Por fim, agradeço aos meus guias espirituais, minha ancestralidade, que cuidaram, e cuidam de mim todos os dias. Muito obrigada por estarem sempre aqui, por não me deixarem andar só.

“Povoada. Quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus. Sou uma, mas não sou só.”
Sued Nunes – Povoada.

RESUMO

O presente memorial descritivo-analítico tem o intuito de apresentar as etapas de produção do documentário “Memória das Rosas”, sobre cinco irmãs e a comunidade onde nasceram na cidade de Riacho de Santana – Bahia. O documentário foi gravado em maio de 2024, sua produção foi dividida entre as cidades de Vitória da Conquista e Riacho de Santana, contando com o suporte da produtora independente Retrato Filmes e com o incentivo do Edital de credenciamento N° 005/2023 Geraldo Sarno, da Lei Paulo Gustavo, na categoria de 30 mil. O texto também apresenta uma reflexão sobre o processo de produção e criação, assim como a respeito da memória.

Palavras-chave: Documentário; Memória; Família; Mulheres.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|------|
| Imagem 1 – Fotografia de família. | p.15 |
| Imagem 2 – Fuso de fiar algodão. | p.16 |
| Imagem 3 – Fragmento do roteiro. | p.17 |
| Imagem 4 – Frame do documentário “I am Heath Ledger” | p.18 |
| Imagem 5 – Frame do documentário. | p.20 |
| Imagem 6 – Jelcina observando o trabalho da equipe. | p.21 |
| Imagem 7 – Frame mostrando a bengala azul. | p.23 |
| Imagem 8 – Diretora com a câmera de brinquedo. | p.24 |
| Imagem 9 – Entrevista com Arminda. | p.25 |
| Imagem 10 – Entrevista com “Menininha”. | p.25 |
| Imagem 11 – Colocando os biscoitos na forma. | p.27 |
| Imagem 12 – As irmãs juntas conversando. | p.28 |
| Imagem 13 – Equipe no rio, finalizando a última diária. | p.28 |
| Imagem 14 – Timeline do programa de edição. | p.30 |
| Imagem 15 – Timeline do programa de edição. | p.30 |
| Imagem 16 – Frame dos monóculos. | p.31 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. DE UMA SIMPLES LEMBRANÇA, PARA UMA INSPIRAÇÃO. | 12 |
| 3. O PRIMEIRO OBSTÁCULO..... | 14 |
| 4. ACERVO DE FAMÍLIA..... | 16 |
| 5. A FOTOGRAFIA NO ESPAÇO E AS MEMÓRIAS. | 19 |
| 6. BUSCANDO CAMINHOS..... | 20 |
| 7. TIRANDO A IDEIA DO PAPEL. | 22 |
| 8. HORA DA PÓS..... | 29 |
| 9. TUDO COMEÇOU A FAZER SENTIDO..... | 31 |
| 10. CONCLUSÃO..... | 32 |
| 11. REFERÊNCIAS..... | 34 |
| 12. REFERENRÊNCIAS AUDIOVISUAIS | 35 |

1. INTRODUÇÃO

O documentário “Memória das Rosas” conta um pouco a história de cinco irmãs, nascidas e criadas na zona rural da cidade de Riacho de Santana, interior da Bahia. O média-metragem traz uma busca pelas origens da família, tecendo o fio da memória com os relatos de cada uma delas. Focando na presença e força feminina da família que deixou o lugar onde estavam suas raízes para construir seus caminhos em outros espaços, sem nunca se esquecer de onde vieram.

O projeto teve seu desenvolvimento iniciado nas oficinas promovidas pela produtora independente Retrato Filmes, mas a ideia para ele surgiu durante os encontros do projeto de pesquisa “Imagem, memória o vestígio e a ruína”, coordenado pelo professor Rogério Luiz Silva de Oliveira.

A realização do documentário foi possível graças à lei de incentivo ao audiovisual e a cultura, Lei Paulo Gustavo, por meio do edital Geraldo Sarno N° 005/2023, na categoria de trinta mil, da Secretaria Municipal de Cultura de Vitória da Conquista. A partir disso, com um orçamento para nos dar suporte para a produção, partimos para Riacho de Santana com uma equipe pequena, para a gravação da maior parte das imagens que compõem o filme.

Com uma equipe de apenas seis pessoas, e o suporte das personagens e familiares, conseguimos em três diárias fazer todas as entrevistas e fazer todas as imagens necessárias para voltarmos para Vitória da Conquista e concluirmos a produção.

Então, seguimos a produção com a gravação da voz off e todos os outros passos da pós-produção, agora contando com mais dois integrantes para compor a equipe.

Este memorial analítico-descritivo tem como objetivo descrever todo processo, desde a lembrança que trouxe a ideia até o presente momento, em busca das origens dessa família. Mostrando como todo o processo acabou acessando lugares muito íntimos, proporcionando descobertas e uma transformação muito significativa na forma que enxergo as coisas.

2. DE UMA SIMPLES LEMBRANÇA, PARA UMA INSPIRAÇÃO.

Durante todo o curso, o assunto da memória atravessou meu caminho diversas vezes, junto com ele vinham diversas dúvidas. Como quando comecei a pensar nesse filme.

Foi durante as reuniões do projeto de pesquisa “Imagem, memória, o vestígio e a ruína”, que me lembrei das fotos perdidas de minha mãe. Enquanto discutíamos imagens de espaços vazios e seu papel na memória das pessoas e do país, a história da última vez que minha mãe visitou o lugar onde nasceu me veio à mente.

Depois de quarenta anos, minha mãe voltou ao lugar onde nasceu e viveu seus primeiros anos de vida. Minha família materna vivia em uma comunidade rural conhecida como A Volta do Rio. Foi lá que minha mãe, suas irmãs, com exceção apenas da mais nova, e irmão, nasceram. Mas quando minha mãe tinha apenas três anos de idade, eles se mudaram da Volta do Rio. Desceram a serra e foram morar no Barreiro do Bom Sucesso, depois de lá, foram viver na Porteira de Pedra. Onde minha avó criou as filhas até que se casassem e saíssem de casa.

Apesar de ter saído de lá muito pequena, minha mãe sempre falava da Volta do Rio com muito carinho e saudade. Quando ouvia as histórias de minhas tias, também podia sentir o quanto aquele lugar ocupava um espaço de afeto na memória delas.

Toda essa saudade nas vozes das mulheres da minha família me fez fantasiar por anos como seria A Volta do Rio. Na minha cabeça, eu via um lugar mágico, quase como uma floresta encantada.

Mesmo que eu nunca tivesse estado lá, aquele lugar ganhou meu carinho. Carinho, que foi cultivado pelas mulheres da minha família por muitos anos.

O conceito de afeto, associado a obras cinematográficas que contam histórias a partir de espaços geográficos, é apresentado pela Argentina Irene Depetris Chauvin em seu livro, *Geografías afectivas: Desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos en el cine de Argentina, Chile y Brasil (2002-2017)*. A autora analisa a maneira como o cinema tem um papel importante na construção de uma atmosfera capaz de transformar espaços vazios em palcos afetivos, permitindo que as histórias apresentadas relacionem com o nosso.

Durante essa leitura, consegui identificar momentos durante a minha vida em que A Volta do Rio foi usado como referência pela minha mãe, mesmo tendo saído de lá muito pequena, aquele espaço tem um lugar especial na memória dela, um afeto que é nutrido pela

nostalgia. Ela não se lembrava da casa, nem da dinâmica daquela comunidade, mas ela sabe que se tivesse oportunidade, voltaria a viver ali.

Conversando com minhas tias, irmãs mais velhas da minha mãe, eu pude perceber o mesmo sentimento de nostalgia e saudade.

Quando minha mãe voltou lá, depois de tantos anos, tudo que ela encontrou foi o que restou de uma parede da casa em que nasceu. O tempo já havia levado todo o resto. Ela estava muito feliz, quando vi as fotos que tirou lá, pude sentir a emoção dela. Chegando em casa, ela passou horas falando como tinha sido, como estava o lugar, contou que tomou banho no rio que fica perto de onde era a casa.

A felicidade dela era tão genuína, que era contagiante.

Ela passou as fotos que tirou para um pen-drive, um tempo depois, minha irmã mais velha pegou emprestado e acabou perdendo *todas* as imagens que minha mãe tinha feito com tanto gosto.

Minha mãe ficou arrasada. Sempre lembrava que havia ido à Volta do Rio, mas agora não tinha mais nenhum registro da sua ida.

Durante o projeto de pesquisa, eu me lembrei dessa história, até comentei brevemente com o professor Rogério Luiz, mas foi tudo muito breve, porque naquele momento era apenas isso. Uma lembrança.

Mas uma lembrança que ficou pairando na minha cabeça todos os dias. Então comecei a pensar em como seria incrível se eu conseguisse levar minha mãe lá novamente, refazer as fotos que ela perdeu. Depois comecei a pensar em todos os *causos* que ouço desde a infância, e de como era bom ouvir os mais velhos contando suas histórias.

Durante uma ida a pé para a roça, no Barreiro do Bom Sucesso, com minha mãe, resolvi gravar alguns trechos do caminho com o celular. Nesse caminho, fui conversando com ela, pedindo pra ela contar algumas histórias que ouvira quando era mais nova. Acredito que naquele momento, a ideia foi surgindo na minha cabeça.

O que eu tinha até então, era a vontade de levar minha mãe de volta àquele lugar, refazer suas fotos e, se possível, registrar essa visita em vídeo.

Comentei sobre essa ideia com Pâmela Rodrigues, minha colega e amiga, ela adorou, disse que era muito bonito. Um tempo depois, a produtora independente dos nossos veteranos de curso, a Retrato Filmes, abriu uma chamada para inscrição de projetos de curtas-metragens. Eu não pretendia inscrever nada, mas Pamela me convenceu a mandar essa ideia.

E assim, o trajeto de *Memória das Rosas* começou.

3. O PRIMEIRO OBSTÁCULO.

De início, eu acreditava que fazer um trabalho sobre minha família seria muito fácil, afinal estaria falando de algo que conheço muito bem, desde que me entendo por gente. Não passava pela minha cabeça o quão difícil poderia ser trabalhar com algo tão íntimo.

Desde o começo, ainda durante a escrita do argumento para a inscrição na chamada da Retratos, senti uma enorme dificuldade para conseguir colocar algo no papel. Principalmente, porque eu não conseguia explicar o porquê de contar essa história.

Era difícil conseguir elaborar uma justificativa do porquê. A história dos registros fotográficos perdidos do que restou de uma casa antiga na zona rural de uma cidadezinha do interior da Bahia, valia a pena ser contada.

Durante as oficinas com a Retratos, consegui visualizar um pouco melhor um filme. Antes, tudo que eu tinha em mente era a imagem de uma estrada de terra, mata fechada e um rio. Não conseguia pensar em como transformar isso em uma narrativa.

Finalizando as oficinas, tive a chance de reescrever meu argumento, com todas as dicas e orientações que tive com o pessoal da produtora, parecia que finalmente conseguiria estruturar essa história. Mas, novamente me vi perdida em meio a tantas dúvidas.

Tentar escrever sobre algo que era tão conhecido por mim, acabou sendo bem mais desafiador do que poderia imaginar. Sentava em frente ao computador por horas, apenas encarando uma folha em branco. Sem conseguir colocar em palavras as inquietudes da minha mente.

Pouco depois de finalizar as oficinas da produtora, enviei o mapa de apresentação do projeto para o professor Rogério. Naquele momento, o objetivo ainda era levar minha mãe novamente para a Volta do Rio, só que no lugar de falar das mulheres da minha família, estava convencida a falar sobre diferenças temporais na minha cidade. O que mudou o que permaneceu e sobre os costumes e tradições de antigamente.

Com a primeira reunião com o professor, muitas questões começaram a surgir. Foi muito importante, e encorajador, a forma como ele abraçou o projeto. Nessa primeira reunião, ele fez várias perguntas sobre a minha família, minha mãe, minhas tias e os espaços em que convivo com elas.

Graças a essas perguntas, eu consegui pensar nessa história de maneira imagética. Algumas memórias minhas foram acessadas, comecei então a pensar maneiras para narrar essa história.

Então, me sentei um dia determinada a escrever o roteiro, comecei usando a estrutura clássica, usada principalmente em ficções. Consegui escrever menos de duas páginas, fiquei travada, e honestamente não gostei nada do que havia escrito.

Faltava alguma coisa, muita coisa.

Pedi a ajuda do orientador mais uma vez, um pouco antes do fim do semestre. Questionando um pouco mais sobre minha família, e também trazendo referências audiovisuais, mesmo sem saber, o professor me ajudou a entender que esse bloqueio criativo, na verdade, era uma necessidade de me conectar com a minha família, que a história que eu queria contar não era simplesmente sobre fotos perdidas. Mas sim, uma busca por memórias, e com elas, minhas origens.

Depois de ir para Riacho de Santana, minha cidade natal, visitar minhas tias, passar um tempo com a minha família, algumas coisas começaram a se encaixar na minha mente. Aproveitei essas visitas, para perguntar a elas sobre sua infância, principalmente sobre meus avós.

Vivi pouco tempo com minha avó, ainda era criança quando ela faleceu. Três dias antes do meu aniversário de 12 anos. A fisionomia dela, às vezes aparece borrada na minha memória, mas algo que eu nunca consegui esquecer foi do cheiro dela, a imagem dela no quintal da casa molhando as plantas, ou me mandando descer do tanque pra não cair e machucar.

Já meu avô, nem mesmo cheguei a conhecer, ele faleceu quando minha mãe ainda era muito pequena. Até hoje, só vi uma única foto dele, não sei descrever como ele era, mas minhas tias dizem que um dos meus irmãos se parece muito com ele. Depois da morte do meu avô, minha avó criou as filhas sozinha, por vezes contando com a ajuda do filho mais velho.

Conversando com minhas tias também pude ver como cada um dos meus avós, e os lugares onde viveram, atravessou cada uma de uma forma diferente. As lembranças, principalmente do meu avô, eram distintas para cada uma delas.

4. ACERVO DE FAMÍLIA.

Além das conversas com a minha família, da ida a Volta do Rio, uma coisa foi crucial para que eu conseguisse desenvolver o roteiro.

Uma fotografia.

Imagem 1 – Fotografia de família.



Fonte: Acervo da família Rosa do Amaral.

Não sei exatamente quando foi tirada, provavelmente entre 1999 e 2000, no casamento da minha prima mais velha, Laurice. Minha vó, minha mãe e minhas tias se juntaram para tirar uma foto, eu, pequena e exibida, fui dançar na frente delas e saí na foto também.

Essa imagem foi como um gatilho para que eu conseguisse enxergar novas possibilidades de narrativa, memórias de infância convivendo com minha família materna e, principalmente, memórias sobre todas as histórias que ouvi. Em “*A mise-en-film da fotografia no documentário Brasileiro*”, Glaura Cardoso Vale diz: “A fotografia é uma forma de catalogar lembranças e serve como fonte de inspiração para uma escrita futura.” (VALE, 2016, p. 33)

Foi exatamente isso que aconteceu, essa fotografia trouxe pra mim um sentimento de nostalgia, me lembrando de todos os momentos que pude testemunhar de perto a irmandade dessas seis irmãs. Essa imagem não é apenas um dispositivo narrativo, ela é também uma personagem buscando pela sua origem.

Encontrei a foto enquanto revirava as coisas de minha mãe, quando a encontrei, consegui finalmente enxergar a cena inicial e a cena final do filme.

Início e fim. Agora me faltava o meio.

Durante uma das reuniões de orientação com o professor Rogério, ele me recomendou o livro *Filmar o que não se vê*, do cineasta chileno Patricio Guzmán, foi nessa obra que fui apresentada ao conceito de *dispositivo narrativo*. Guzmán afirma que as melhores e mais eficazes ideias estão acomodadas dentro de dispositivos narrativos. Com toda a dificuldade que estava tendo em escrever, comecei a pensar, o que eu poderia usar como dispositivo para me ajudar a contar essa história da melhor maneira possível. (GUZMÁN, 2017, p. 33).

Com os exemplos que o diretor chileno apresenta em seu livro, fui buscar objetos que pudessem me ajudar a construir essa ponte, entre o começo e o fim. Foi quando me lembrei do velho fiar da minha avó.

Quando era criança encontrei um pequeno objeto de madeira nas coisas da minha vó e fiquei encantada. Ela me disse que se chamava fuso, e que servia para fiar algodão, para transformá-lo em linha. Falei com ela que queria um também, e que queria aprender a transformar o algodão em linha. Ela me respondeu que poderia me ensinar a fiar, mas não poderia me dar o fuso, ela só tinha aquele e, se as outras netas não ganhassem também, poderia dar briga.

Fiquei muito sentida com aquilo, entendia bem o motivo, mas não consegui evitar ficar triste. Como prometido, ela me ensinou a fiar, mas confesso que não me lembro mais como fazer.

Imagem 2 – Fuso de fiar algodão.



Fonte: Acervo pessoal.

Depois que minha avó faleceu, enquanto arrumavam as coisas dela, minha mãe encontrou o velho fuso novamente. Sabendo do meu carinho pelo objeto, ela guardou escondido das minhas tias e primas, e levou pra mim.

Lembro que ela me pediu pra não mostrar pra ninguém, pra não causar nenhuma briga. Foi muito atencioso da parte dela, e se não tivesse pegado ele escondido pra mim, talvez não tivesse conseguido escrever mesmo.

Trouxe a foto comigo para Conquista, mas fui avisada por minha mãe. “Cuidado com essa foto! Não perde não, é a única que tem as irmãs todas juntas!”. Esse detalhe me deixou ainda mais apegada àquela imagem e com a ajuda dela eu finalmente consegui escrever.

Dessa vez, deixei de lado a formatação clássica, fiz uma tabela, dividi as colunas entre imagens e texto. Então, comecei a colocar no papel como eu imaginava aquelas imagens. Puxando na minha memória, uma maneira de trazer cada uma delas para uma tela.

Imagem 3- Fragmento do roteiro.

MEMÓRIA DAS ROSAS

(SEGUNDO TRATAMENTO)

de Rae Amaral.

| IMAGENS : | TEXTO/ÁUDIO : | OBS : |
|---|---|-------|
| <i>Dedicatória: Para; Vó Ia, Manel, Tia Ná e Niu.</i> | | |
| Uma parede limpa com somente um quadro pendurado ao centro. Mãos manuseando um fuso de fiar algodão. Cinco pares de mão entrelaçados com linhas de algodão. | Uma voz <i>feminina</i> cantarola uma cantiga de roda/novena. | |
| Capela velha do Barreiro Vermelho. A imagem da Serra. | Vozes femininas | |

(Fonte: Arquivo pessoal)

5. A FOTOGRAFIA NO ESPAÇO E AS MEMÓRIAS.

No documentário, utilizei a fotografia para criar uma camada para atravessar a narrativa. No início, ela aparece apresentando as personagens principais dessa história, está sozinha pendurada numa parede, sendo balançada pelo vento que entrava pela janela.

Ela retorna no final, quando a penduro nas ruínas do que um dia foi o lar da minha família. Uma maneira que encontrei de levar minha família para se reencontrar com suas origens. Levá-las, agora adultas, para encontrarem suas crianças.

A ação de levar a fotografia até aquele espaço que ocupa um lugar de afetividade tão grande na memória das mulheres da minha família nos permite refletir a respeito da teoria dedicada a relação entre fotografia e memória.

Fotografias são usadas como um dispositivo da memória há muito tempo. Podemos pensar no uso da *mise-en-film* da fotografia no documentário, onde Glaura Cardoso analisa vários documentários Brasileiros, tentando entender os diferentes usos da fotografia. Como a disposição dessas imagens agem na narrativa, por vezes sendo usada como dispositivo para rememoração. Como por exemplo, no filme *Acácio* (2008), de Marília Rocha, estudado pela autora, onde a disposição das fotografias não é apresentada diretamente ao público, mas apenas sugerida.

Durante o filme, tentei trazer ainda mais o uso de fotos e objetos ligados a fotografia. Como quando dispus velhos monóculos sobre a mesa, e tentei espreitar por suas lentes para ver as imagens contidas ali. O uso dessas fotografias foi com a intenção, não apenas de lembrar, mas de ligar o passado e o presente.

Imagem 4 – Frame do documentário.



(Fonte: Memória das Rosas)

Levar aquela imagem comigo até a Volta do Rio, foi como completar um ciclo. Aquele espaço abriga inúmeras memórias para pessoas presentes naquela fotografia, memórias que não foram registradas, estão guardadas apenas no consciente de cada uma delas. Também uma forma de marcar a passagem daquela família ali. Não são apenas as ruínas de uma casa antiga, mas o berço daquelas cinco irmãs.

Foi para levar minhas tias e minha mãe de volta para casa.

A foto nas ruínas da casa, também pode ser interpretada como uma forma de anacronismo, como também quando vemos as duas capelas lado a lado. O conceito de anacronismo trazido pelo filósofo Francês, Georges Didi-Huberman, é uma maneira de desfiar a linearidade do tempo. Quando, em 2023, eu penduro aquela foto, tirada no início dos anos 2000, em que apareço ainda pequena, no que restou de uma casa que está vazia a mais de 60 anos, estou atravessando diferentes momentos da história da minha família.

6. BUSCANDO CAMINHOS.

Tentando pensar imagetivamente, fui em busca de referências audiovisuais que me ajudassem a enxergar o filme além do roteiro. Entre tantas possibilidades, encontrei três filmes brasileiros.

“Elena” (2012) de Petra Costa, e “Viajo Porque Preciso, Volto Porque te Amo” (2009) de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, trouxeram para mim uma forma de narrar que me chamou minha atenção. A forma como Petra conta a história de sua irmã, fez com que eu sentisse a falta da Elena também. Já a narração de Irandhir Santos no segundo filme, junto as imagens me prendeu na história daquele geógrafo em busca de curar um coração partido. “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” (2019) de Marcelo Gomes, me prendeu na expectativa construída acompanhando aqueles trabalhadores se preparando para o carnaval. Para mim, foi genial a ideia de entregar a câmera para que eles pudessem registrar sua viagem.

Lembrando-me também de um trecho do documentário “I am Heath Ledger” (2017), de Derik Murray e Adrian Buitenhuis, que conta a história do ator e diretor Australiano Heath Ledger, de quem sou muito fã, comecei a pensar como seria interessante registrar imagens do ponto de vista das personagens.

Era importante pra mim, que o olhar delas também fosse registrado, afinal, esse filme é sobre e para elas. E com a ajuda desses filmes, eu consegui encontrar uma maneira de fazer isso.

Em “I am Heath Ledger”, amigos e familiares do ator, contam que ele, na verdade, sempre foi um diretor, que sempre estava com uma câmera.

Imagem 5 – Frame do documentário “I am Heath Ledger” (2017).



(Fonte: frame do documentário “I am Heath Ledger”)

Durante as gravações com minha mãe no Barreiro do Bom Sucesso, ela se arriscou diversas vezes fazendo sugestões para cenas. Foi de aquecer o coração ver o quanto ela havia abraçado o projeto. Já durante as gravações no Barreiro Vermelho, com minhas tias, ela ficou boa parte do tempo atrás de Felipe Sobral, o diretor de fotografia, observando tudo e comentando.

Imagem 6 – Jelcina observando o trabalho da equipe.



(Fonte: Arquivo do Still)

7. TIRANDO A IDEIA DO PAPEL.

Depois de finalmente conseguir colocar minhas ideias no papel, chegou o momento mais difícil, o orçamento. “De onde eu vou tirar dinheiro para produzir?”, eu já estava um pouco desmotivada, sabia que mesmo que não fosse uma superprodução, ainda precisaria de um orçamento, por menor que fosse.

A produtora tinha planos de inscrever os curtas que passaram na chamada em editais públicos, quando mencionei para o pessoal da Retratos que queria que esse fosse o meu trabalho de conclusão de curso, eles ficaram receosos, acreditavam que o regulamento do curso não permitia que as produções fossem produzidas com dinheiro do incentivo público.

Fiquei um pouco desesperada, se não fosse possível a produção dessa forma, como eu conseguiria fazer o filme?

Fui tirar essa dúvida com o professor responsável pela disciplina de TCC naquele semestre, o professor Éder Amaral, também perguntei ao professor Rogério. Com a resposta deles, veio o alívio. Sim, o produto poderia ser feito com edital de incentivo público, porém, a defesa do trabalho não deveria ficar condicionada a liberação da verba.

Então, tomei a decisão de cursar a disciplina só no segundo semestre de 2024, porque assim, teria tempo de produzir o filme e escrever o memorial. Além de querer fazer tudo com mais calma, essa decisão foi também para preservar um pouco mais da minha saúde mental.

Quando os editais municipais da lei Paulo Gustavo foram lançados, me reuni com Vinicius Pessoa, da produtora Retrato Filmes, para discutirmos como faríamos a inscrição e planejarmos o cronograma de produção.

Sendo bastante honesta, fiz a inscrição sem muita esperança, não acreditava que tinha chances de passar. Mas para a minha surpresa, Memória das Rosas passou em primeiro lugar em sua categoria no edital Geraldo Sarno da Lei Paulo Gustavo do Município de Vitória da Conquista.

Então, nós começamos a planejar a nossa produção. No mesmo dia já entrei em contato com meu irmão mais velho, Ronei do Amaral, para que fossemos fazer uma visita técnica na Volta do Rio. Essa visita foi a primeira vez que estive onde minha mãe nasceu.

Caminhando por aquela mata, fiquei imaginando como era a vida delas ali, tentava pintar o cenário de como era aquela estrada antes de minha família se mudar de lá.

Nossa pré-produção foi bem tranquila, estava mais aliviada agora que sabia que teria o recurso para conseguir produzir o documentário. Pedi o suporte do meu irmão uma vez mais, então ele seguiu fazendo a produção local, buscando a hospedagem, alimentação e transporte para toda a equipe.

Quando estávamos nos preparando para ir para Riacho de Santana dar início às gravações, me senti muito inquieta, estava incomodada com alguma coisa. Até que olhando novamente para a fotografia eu entendi o que estava me deixando tão desconfortável - além da ansiedade - faltava algo, na verdade, faltavam duas pessoas.

Não parecia certo para mim fazer esse filme sem minha avó e minha tia Anália. Como falar dessa família de mulheres sem a matriarca e a caçula?

Então comecei a pensar em como trazê-las para o filme. Liguei para minha mãe perguntando se ela tinha algo que havia sido de Tia Ná, para que eu pudesse colocar de

alguma forma no filme, para que esse vazão fosse de alguma forma preenchido. Mesmo tendo consciência de que nada seria capaz de cobrir a falta dela.

Com minha avó, a ideia chegou mais rápido. Durante uma visita a minha tia Jesuita, eu perguntei a ela sobre a bengala azul que minha avó usava. Tia Zu havia guardado a bengala, que depois minha mãe me contou que antes de Vó Ía, tinha sido usada pelo meu avô.

Quando minha avó começou a ter mais dificuldade para andar, meu Tio, o mais velho dos filhos e único homem, reformou a bengala, pintou de azul e colocou um prego de segurança para evitar que deslizasse. Perguntei à minha tia se podia ficar com a bengala, e ela me deu com muita satisfação.

Imagem 7 – Diretora mostrando a bengala azul.



(Fonte: Frame tirado do documentário.)

Continuei a procura de algo para ligar a minha tia e, enquanto mexia na minha caixinha de lembranças, encontrei algo que me lembrava dela sempre.

A câmera digital de brinquedo que ela levou pra mim no meu aniversário de seis anos de idade. O brinquedinho verde com os detalhes rosa, que passava imagens de dinossauros sempre que você apertava o botão, que se tornou um dos meus brinquedos preferidos, um dos poucos que sobreviveram e que não doei.

Imagem 8 – Diretora com a câmera de brinquedo.



(Fonte: Frame do filme.)

Então, toda vez que íamos organizar pra filmar, eu colocava os dois objetos em algum lugar do cenário para que eu conseguisse enxergar elas ali também. Para outras pessoas podem parecer apenas objetos, mas para mim são objetos extremamente valiosos.

O brinquedo, por ser muito pequeno, por vezes passa despercebido aos olhares, mas eu sei que está ali, e isso me conforta, porque eu não conseguiria fazer esse trabalho se não conseguisse trazer nada delas para preencher essas lacunas que eu enxergava sempre que pensava no filme.

Imagem 9 – Entrevista com Arminda.



(Fonte: Frame do documentário.)

Uma coisa, que eu já previa que iria acontecer, era a recusa de minha Tia Menininha de ir para o Barreiro Vermelho.

Mesmo já imaginando qual seria sua resposta, fui atrás de tentar leva-la. Tia Menininha sempre se manteve muito reclusa, nunca aparecia nos almoços de família, ou em nenhum momento em que as irmãs tentaram juntar a família. Tentei convencê-la, até mesmo Pâmela tentou, mas ela não cedeu, disse que gostaria muito, mas não podia. Aceitou fazer a entrevista, mas não iria para o Barreiro.

Imagem 10 - Entrevista com “Menininha”



(Fonte: Arquivo do still)

A ideia de trazer o processo delas fazendo bolos, veio por dois motivos, o primeiro, foi estético e narrativo, queria o máximo de imagens possíveis mostrando a dinâmica delas e o ambiente, não queria muitas imagens *Talking Head*.

O segundo, e admito, principal motivo, era a vontade de recriar a atmosfera das minhas memórias de infância. De tempos em tempos, minha mãe e minhas tias se reuniam para fazer algo, às vezes bolo, chimango, chiringa, aproveitando o forno de tia Ana, outras vezes, principalmente na época do milho, se juntavam para fazer pamonha, mingau, bolo de milho, milho cozido ou assado.

São momentos muito felizes da minha infância, momentos que me trazem saudade e que para sempre levarei comigo.

Essa também foi uma forma que encontrei de deixar elas mais à vontade em frente às câmeras. Mesmo com a equipe pequena, tinha medo de alguma delas ficar desconfortável com tudo aquilo. Foi lindo ver o quanto elas estavam dispostas a estar ali, lembro que quando fui conversar com elas sobre o documentário, a resposta de todas foi a mesma: “Se eu acertar falar, Rá, eu faço, só não sei se vou saber falar do jeito que você quer.” Mesmo que eu dissesse que eu queria que elas falassem exatamente do jeitinho delas, da maneira como fizeram.

Imagem 11 – Colocando os biscoitos na forma.



(Fonte: Memória das Rosas)

No final, me preocupei à toa, apesar de estarem atentas à movimentação da equipe, elas conseguiram seguir durante as filmagens de maneira natural, agindo como estão acostumadas quando estão juntas.

E sempre que estou em meio às irmãs Rosa do Amaral, é como se eu voltasse aos meus seis anos, mesmo que agora eu tenha responsabilidades que não me permitem mais simplesmente correr para a roça para brincar enquanto elas me chamavam para terminar de comer. No meio delas, eu sou apenas Rá, a neta e sobrinha caçula.

Imagem 12 – As irmãs conversando antes de começar a segunda diária.



(Fonte: Still e making off)

As diárias foram bem mais tranquilas do que eu imaginava, estava acostumada com sets caóticos, que fiquei imaginando tudo que poderia dar errado, mas para o meu alívio, era apenas a ansiedade mais uma vez.

Lembro-me de na última diária, enquanto andávamos na trilha, minha mãe me perguntar se estava sendo como imaginei. Felizmente, não.

Imagem 13 – Equipe no Rio, finalizando a última diária.



(Fonte: Still e making off)

Quando começamos a última diária na Volta do Rio, a primeira cena que gravamos foi a minha mãe andando pelo espaço que um dia acolheu sua família. Observando enquanto ela percorria aquelas ruínas, pude sentir minha mãe se emocionando. Vendo-a tocar o que restou da sua casa de infância, tentei imaginar tudo que estaria passando pela cabeça dela.

Depois, perguntei a ela o que ela estava pensando, como estava se sentindo. Ela me respondeu dizendo que começou a lembrar da família dela, daqueles que não estão mais aqui. Disse que se lembrou de seus pais, seus tios, que depois que saíram dali não tiveram chance de voltar. Também me disse que estava feliz, que se pudesse, ficaria por ali mesmo.

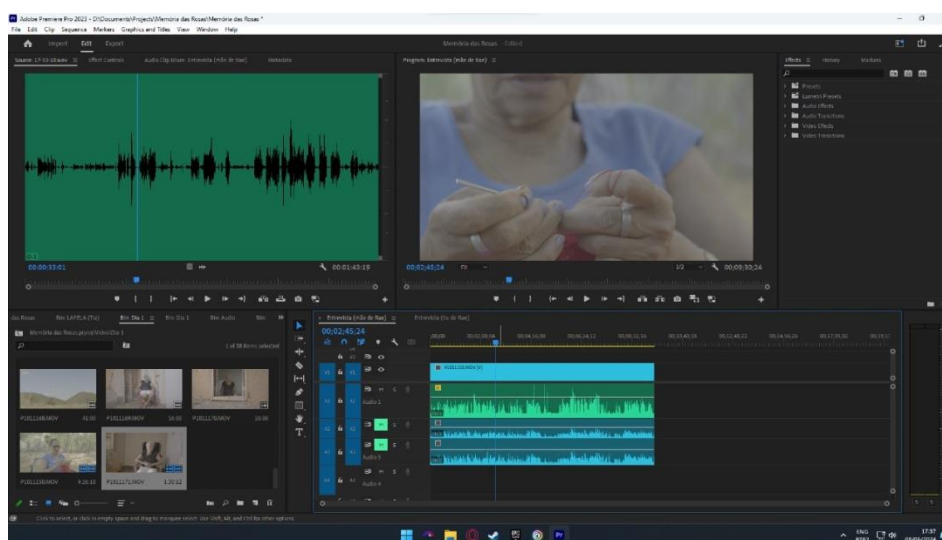
Isso me fez pensar em todos os encontros de família, em como minha mãe e minhas tias se esforçam para manter a família unida depois que seus pais se foram. Em como estão sempre procurando uma maneira de estar presentes.

8. HORA DA PÓS.

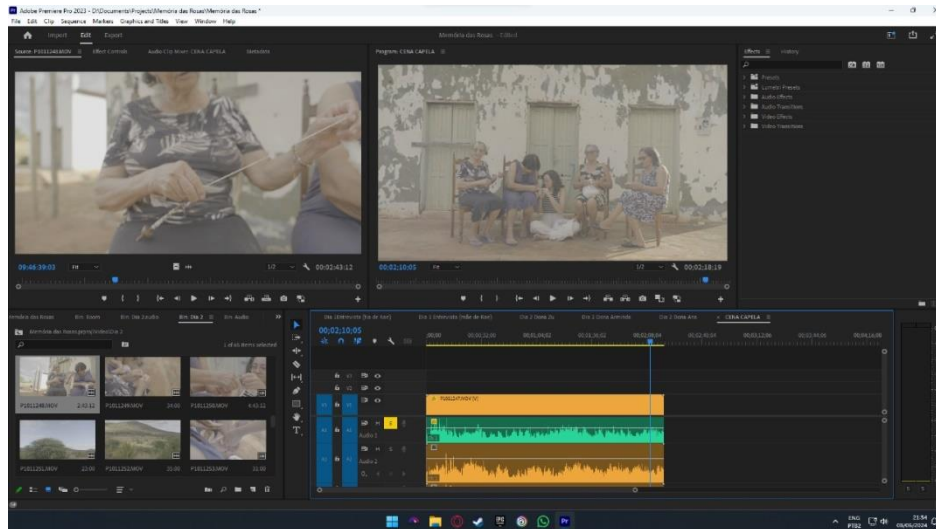
Para fazer a montagem do filme, escolhi Jamilly Amorim, que é provavelmente uma das pessoas mais talentosas do curso. Vinícius sugeriu outros nomes, mas eu não conseguia imaginar ninguém que conseguiria montar esse documentário melhor que Jamilly.

Quando ela me disse que havia começado a separar e organizar cada arquivo, aquela ansiedade boa tomou conta. Confio no trabalho de Jam de olhos fechados, e definitivamente, não me arrependi de tê-la convidado.

Imagens 14 e 15 – Timeline do programa de edição usado pela montadora.



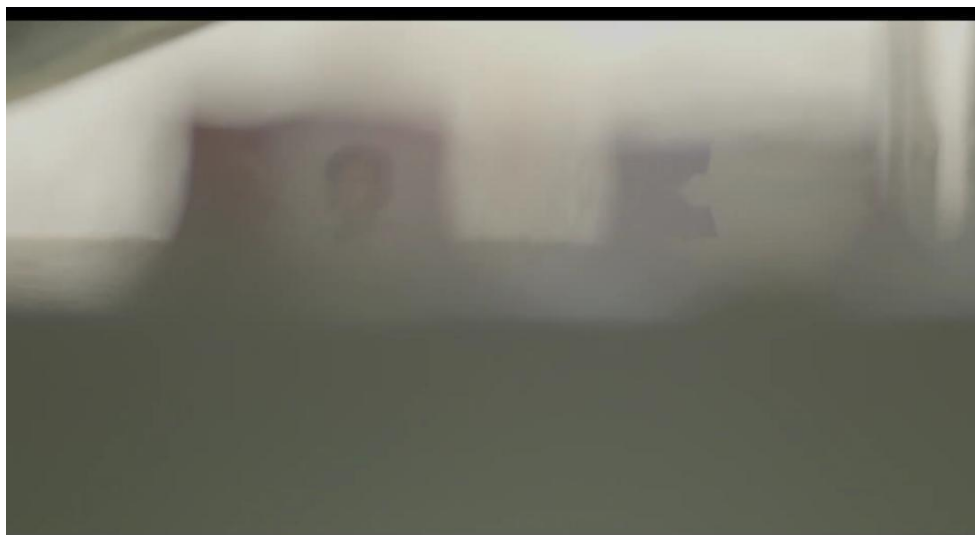
(Fonte: Jamilly Amorim)



(Fonte: Jamilly Amorim)

Jamilly tinha em mãos, o roteiro e os relatos de Pâmela e meu sobre as gravações. Quando tinha metade do filme montado, ela me enviou para que eu visse como estava indo. Um detalhe que eu fiquei completamente encantada com a montagem, foi que a cena dos monóculos foi colocada exatamente quando estou falando de minha tia Ná, e é exatamente ela que aparece desfocada pelas lentes do velho monóculo. A atenção de Jamilly nesse detalhe me deixou extremamente emocionada e feliz.

Imagem 16 – Frame da cena dos monóculos.



(Fonte: Memória das Rosas)

Mesmo que as diárias houvessem sido tranquilas, eu ainda não me sentia diretora, mas quando recebi aquele material, eu finalmente senti que entendia o que estava fazendo. Quando assisti aquele material, consegui perceber coisas, que eu achei que com toda a minha dificuldade de manter a atenção nas aulas, jamais seria capaz de identificar. Fiz anotações e mandei para Jamilly todas as minhas observações sobre a montagem, tudo isso me sentindo bem mais confiante.

Ter Jamilly e Pâmela na equipe foi fundamental para que eu sentisse mais segurança no que estava fazendo, já que além de minhas amigas, elas são profissionais incríveis e pessoas que eu sabia que iriam ser honestas comigo e dizer se achassem que estava fazendo alguma escolha errada.

Toda a equipe, incluindo o professor Rogério que é meu orientador, me passou muita segurança para conseguir trabalhar, eles viram na história o potencial que minhas crenças limitantes não me permitiam enxergar.

9. TUDO COMEÇOU A FAZER SENTIDO.

Sempre me perguntava “quem vai querer assistir isso?”, só que no decorrer do processo fui entendendo que as memórias de infância de minha mãe não falavam apenas de suas brincadeiras com as irmãs, mas carregavam respostas para questões maiores sobre mim enquanto mulher e, principalmente, respostas para acabar com meus medos.

Cogitei desistir do curso inúmeras vezes, às vezes por cansaço, mas na maioria das vezes, era medo. Acho que toda semana eu pensava “e se eu trancar o curso?”, na verdade, acredito que a maioria dos colegas passou por isso, pelo menos em um semestre. Mas foi pensando em memória e buscando as memórias da minha família que eu encontrei o motivo para continuar.

Durante todo o percurso de produzir o documentário, em diversos momentos eu simplesmente não tinha ideia do que fazer. Assim como aconteceu em diversos momentos da graduação.

Enquanto ouvia meus colegas falando sobre seus projetos e ideias, questionava minha competência para seguir no curso, todos pareciam saber exatamente o que fazer, enquanto eu não conseguia manter a atenção nas aulas, por que absolutamente qualquer coisa me distraía. Não era preciso nada acontecer, meu cérebro simplesmente não ficava quieto.

Depois de muitas crises de ansiedade, e um ataque de pânico tão feio, que deixou meus pais assustados, eu voltei para a terapia.

Durante as sessões, minha vida acadêmica foi muito falada, então minha psicóloga começou a perceber alguns padrões de comportamento e sugeriu que talvez eu tivesse Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH.

Ela me aconselhou a procurar um profissional, uma psiquiatra ou neurologista, para confirmar ou descartar essa hipótese.

Primeiro, busquei assistência no NAIPD, Núcleo de Ações de Integração para Pessoas com Deficiência, na própria universidade. Fui acolhida pela Dra. Neide Braga, neuropsicopedagoga do Núcleo. Depois, agendei uma consulta com uma psiquiatra, depois de algumas consultas, uma com a presença de minha mãe, alguns testes, finalmente recebi o diagnóstico.

O diagnóstico do TDAH foi muito importante para que eu começasse a entender muitas coisas e, principalmente, aprendesse a respeitar meu tempo. Absorver que meu cérebro funciona de uma maneira um pouco diferente que o de outras pessoas, me fez ser um pouco menos dura comigo mesma. Assim, apesar de vários momentos a ansiedade falar bem mais alto, eu consegui seguir no curso de uma forma mais leve e confiante.

10. CONCLUSÃO.

Minha jornada na graduação foi cheias de altos e baixos, muitas dúvidas e muito medo. Quando tinha oito anos, ouvindo RBD e imitando a Mia Colucci, não imaginava que um dia me identificaria tanto com a letra de *Sálvame*, sobrevivendo por pura ansiedade.

Por um período muito longo da minha vida, antes mesmo de entrar no curso de cinema, perdi a Raíne de oito anos de vista e, sem ela, eu não conseguia encontrar um caminho pra seguir.

Quando cheguei ao curso, me lembro de querer desistir logo na primeira semana de aula. Estava apavorada, então, veio a pandemia, e se a minha saúde mental já não estava lá essas coisas, piorou ainda mais.

Na volta das aulas presenciais, em 2022, eu me sentia mais perdida e amedrontada que antes. Quando a memória esbarrou comigo na graduação mais uma vez, encontrei algo que talvez pudesse me dar um sentido.

O cinema me fez olhar pra trás e encontrar a Raíne de oito anos novamente. Foi dolorido me reencontrar com ela, me sentia muito mal por tê-la deixado pra trás, mas ao mesmo tempo, foi reconfortante ver que ela ainda estava aqui, que agora não perderei mais ela de vista.

Sendo bem honesta, ela é quem toma as decisões agora.

Ela decidiu que iríamos até o fim dessa graduação, ela decidiu que, mesmo apavorada, eu não podia deixar isso pela metade, como sempre fazia com tudo.

Antes da graduação, eu não conseguia ver a diferença entre lembranças e memória. Eu não entendia como a memória era algo vivo, que conversa diretamente com nossos afetos e medos, que não é passado, mas sim presente. Que deve ser preservada e contada para nunca ser esquecida, para que não fique perdida lá atrás, nos deixando sem rumo.

Todo o processo de construção do documentário dialogou diretamente com a minha jornada dentro do curso de Cinema e Audiovisual, até chegar ao presente momento, em que escrevo esse memorial.

Enquanto escrevia, percebi que, até nesse momento as dúvidas continuam surgindo, porque, mesmo estudando, pesquisando e produzindo, sempre há mais uma pergunta. Sempre vai existir essa busca por respostas, mesmo quando nem mesmo sei qual é a questão.

Hoje, minha pergunta é sobre memória, mas a memória também é a resposta.

A memória que me ajudou a encontrar a Rá de oito anos, a memória que eu busquei durante todo esse projeto. A memória que está no cheiro, no sabor, nos espaços que parecem vazios. A memória que está em um pequeno instrumento de madeira que transforma algodão em linha. A memória em um pequeno brinquedo de plástico. As memórias que construí dentro do curso, as memórias que construirei graças a ele.

11. REFERÊNCIAS

CHAUVIN, Irene Depetris. **Geografías Afectivas: desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos em el cine de Argentina, Chile y Brasil (2002-2017)**. 2019. ISBN (PDF): 978-1-7340289-9-7.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. 2015 – UFMG.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê: Um modo de fazer Documentários**. 2017 – Edições Sesc.

VALE, Glaura Cardoso. **A mise-em-film da fotografia no documentário Brasileiro e um ensaio avulso**. 2020 – Relicário Edições e Filmes de Quintal.

12. REFERENRÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ELENA. Direção: **Petra Costa.** Brasil. 2012 1h 22m

ESTOU ME AGUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR. Brasil. 2019
1h 25m

I AM HEATH LEDGER. Derik Murray, Adrian Buitenhuis. Austrália. 2017 1h 34m

VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO. Marcelo Gomes, Karim
Ainouz. Brasil. 2009 1h 15m